

ALEXANDRIA (GEOPOLITICOLOGIA)

I. Conformática

Definologia. A *Alexandria* é a segunda maior cidade do Egito, fundada no Século IV a.e.c. às margens do Mediterrâneo e na extremidade ocidental do delta do rio Nilo, oriunda da conquista greco-macedônica, sediando 1 das 7 maravilhas do Mundo Antigo e a maior biblioteca na Antiguidade, tendo sido considerada por muitos séculos centro cultural, político e religioso.

Tematologia. Tema central neutro.

Etimologia. O vocábulo *Alexandria* deriva do idioma Latim, *Alexander*, e este do idioma Grego, *Aléxandros*, “protetor do homem; defensor da espécie humana”. O termo ganhou popularidade universal em função de Alexandre Magno (356–323 a.e.c.), fundador de 1 dos maiores impérios da História da Humanidade. Surgiu no Século XVI.

Sinonimologia: 1. Centro cultural do Mundo Antigo. 2. Ex-capital do Egito.

Antonimologia: 1. Cartago. 2. Roma. 3. Cairo. 4. Tebas. 5. Atenas.

Estrangeirismologia: o *Imperium Romanum*; os *Acta Alexandrinorum*; a *Septuaginta*; a *noesis* da cognição planetária; o *nec plus ultra* dos saberes; o *Zeitgeist* reurbexológico.

Atributologia: predomínio das faculdades mentais, notadamente do autodiscernimento quanto à Cosmoeticologia da Convivialidade.

Citaciologia. Eis 5 citações pertinentes ao tema: – *Em muitos aspectos do Direito, a condição das mulheres é inferior à dos homens* (Aemilius Papinianus, 142–212). *Reconhecemos o mundo enquanto único país pertencente a todos* (Quintus Septimius Florens Tertullianus, 160–220). *É melhor suportar todas as consequências porvindouras* (Quintus Horatius Flaccus, 65 a.e.c.–8 e.c.). *Eis a rainha das cidades e metrópoles, que agora não passa de um monte de ruínas, testemunhas de sua beleza perdida; mais uma demonstração de que as cidades, tal como os homens, esvanecem com os anos* (George Sandys, 1577–1644). *A cidade é inteiramente branca e resplandece à noite, assim como durante o dia. Em razão das paredes e pisos de mármore branco, as pessoas usam vestes pretas, pois é o brilho do mármore que faz os monges usarem vestes pretas. Mesmo à noite é doloroso aos olhos sair às ruas: um alfaiate pode enfiar a linha em uma agulha sem precisar de uma lamparina. Ninguém entra na cidade sem proteger os olhos* (viajante árabe anônimo, Século IX).

Ortopensatologia. Eis 5 ortopensatas, citadas na ordem alfabética, pertinentes ao tema:

1. “**Belicismo.** **Belicismo** e *Vitimologia* são sinônimos”.

2. “**Belicista.** Se você vai ajudar 5 **consciências** do seu passado, no mínimo uma delas deve ter sido **belicista**”.

3. “**Contudo.** O mais inteligente é ficarmos com a **erudição ateniense**, evitando a cultura do barbarismo, contudo, sem aristocracia”.

4. “**Erudição.** A erudição, sem a **Cosmoética**, não adianta nada”.

5. “**Erudiciologia.** Até mesmo no universo da erudição é necessário o emprego do qualificativo. Autoconhecimento, só por si, não diz tudo. Pouco adianta o **erudito** que defende o **belicismo**”.

II. Fatuística

Pensenologia: o holopensene pessoal da expansão e internacionalização geopolítica; o holopensene grupal da interdisciplinaridade intelectual; o ato de pensenizar grande; os belicopenses; a belicopensenedade; os etnopenses; a etnopensenedade; os patopenses; a patopensenedade; os conviviopenses; a conviviopensenedade; os reciclopenses; a reciclopensenedade; os grupopenses; a grupopensenedade; os neopenses; a neopensenedade; os cosmopenses; a cosmopensenedade.

Fatologia: a Alexandria; a imponência do Farol de Alexandria; a lendária Biblioteca de Alexandria (295 a.e.c.–642 e.c.) promovendo encontros de multigênios; a civilização helenística; o florescimento da Helenismo no Egito; o ponto de encontro de sábios de múltiplas culturas e etnias construindo o acervo universal; o cultivo da grupalidade intelectual; a Escola Judaica; a Escola Neoplatônica; a autodisponibilidade de compartilhar e distribuir a cognição; a liderança política humana se consolidando às margens do Nilo; a vocação para a liderança; a habilidade social; o domínio das fronteiras geopolíticas; os impérios geopolíticos multimilenares; a invasão macedônica; a dominação romana; o povo na condição de coisa descartável; o belicismo religioso; as lutas sangrentas entre pagãos e cristãos; a influência cultural helenística e judaica preponderando na cidade antiga; a união de povos; a consciência gregária incipiente; a coexistência pacífica entre gregos, judeus e egípcios; o início da racionalidade pesquisística da Humanidade; a Política; as Artes; a Literatura; a Ciência; a Medicina; o soerguimento cosmoético da consciência política.

Parafatologia: a autovivência do estado vibracional (EV) profilático; a ignorância quanto à sinalética energética e parapsíquica pessoal; a autorretrocognição; os registros na holomemória tornando fatos e parafatos cognoscíveis; a paraprocedência (pararesidência, paradomicílio); a autoconscientização multidimensional (AM); as sucursais da Baratrofera; a paradramatização; o testemunho extrafísico dos atos conscienciais; a recuperação dos megacons por meio da reeducação dos *Cursos Intermissoivos* (CIs).

III. Detalhismo

Sinergismologia: o *sinergismo cognitivo sábios veteranos–pesquisadores aprendizes*.

Principiologia: o *princípio da agregação consciencial*; o *princípio de ninguém perder ninguém*; o *princípio organizador dos saberes*; o *princípio político da inseparabilidade grupocármica*; o *princípio de a autobagagem cognitiva sobreviver às dessomas*.

Codigologia: a ausência do *código pessoal de Cosmoética* (CPC); a repercussão social e parassocial do *código grupal de Cosmoética* (CGC) de líderes políticos e intelectuais.

Teoriologia: a *teoria da interpretação grupocármica*; a *teoria da natureza política das consciências*; a *teoria imperialista*; a *teoria da reurbex*; a *teoria política do Estado Mundial*.

Tecnologia: a *técnica da recin*; as *técnicas espúrias de manipulação interconsciencial*.

Voluntariologia: o *voluntariado tarístico* exercido por ex-imperialistas objetivando as recomposições grupocármicas.

Laboratoriologia: o *laboratório conscienciológico da Grupocarmologia*; o *laboratório conscienciológico da Parapolitologia*; o *laboratório conscienciológico da Paradireitologia*.

Colegiologia: o *Colégio Invisível da Cosmoeticologia*; o *Colégio Invisível da Mentalsoomatologia*; o *Colégio Invisível da Parapedagogia*; o *Colégio Invisível da Paradireitologia*; o *Colégio Invisível da Politicologia*; os *Colégios Invisíveis* fomentadores de neocognições científicas; o *Colégio Invisível da Evoluciolgia*.

Efeitologia: os *efeitos da perda do poder intrafísico*; os *efeitos interpresidiários dos atos anticosmoéticos contra a Humanidade*; os *efeitos sociais dos arrastões patológicos*; os *efeitos cosmovisiológicos do aproveitamento das parafontes cognitivas*.

Ciclogologia: o *ciclo vítima-algoz*; o *ciclo cronêmico da Humanidade* da barbárie à evolução da Serenologia; o *ciclo persecutório* assentado no *trinômio perseguição-vitimização-vingança* retroalimentando as interprisões multimilenares.

Enumerologia: *Alexandria* erudita; *Alexandria* cosmopolita; *Alexandria* faraônica; *Alexandria* judaica; *Alexandria* helênica; *Alexandria* egípcia; *Alexandria* romana.

Binomiologia: o *binômio hereditariedade-vitalicidade*; o *binômio líder-liderado*; o *binômio liderança política–liderança intelectual*.

Interaciologia: a *interação axiológica judaísmo-Helenismo*; a *interação intelectualidade-belicosidade*; a *interação de múltiplos povos reurbanizando o Oriente*.

Crescendologia: o *crescendo diáspora–reagrupamento evolutivo*; o *crescendo Antidireito-Direito*.

Trinomiologia: o *trinômio poder-posição-prestígio*; o *trinômio mosaico de povos—mosaico cultural—mosaico intelectual*.

Polinomiologia: o *polinômio multiétnico gregos-romanos-judeus-egípcios*.

Antagonismologia: o *antagonismo paganismo / cristianismo*; o *antagonismo dogmatismo / Descrenciologia*; o *antagonismo poder meritório derivado da mentalsomaticidade / poder monárquico derivado da subcerebralidade*; o *antagonismo escravagismo / cosmopolitismo*.

Paradoxologia: o *paradoxo de a tirania absoluta de apenas 1 homem conseguir subjugar povos e nações*.

Politicologia: a política imperialista; a autocracia; a asnocracia; a tirania; a escravocracia; a cognocracia; a democracia pura.

Legislogia: a *lei de causa e efeito*; as *leis do direito dinástico*; a ignorância quanto ao *corpus legum da Paradireitologia*.

Filiologia: a *helenofilia*; a *judaísmofilia*; a *conviviofilia*; a *erudiciofilia*; a *historiografofilia*; a *energofilia*; a *conscienciofilia*.

Fobiologia: a retrofobia; o medo da perda do poder levando à destruição de documentos inestimáveis e livros raríssimos.

Sindromologia: a *síndrome da dominação*; a *síndrome do poder*; a *síndrome do ostracismo*.

Maniologia: a megalomania política e social.

Mitologia: o *mito de Ísis Phária* (a deusa da navegação do porto de Alexandria); o *mito de Serápis*; o *mito da Fênix* simbolizando o poder de resiliência alexandrina.

Holotecologia: a *historioteca*; a *fanaticoteca*; a *politicoteca*; a *socioteca*; a *holomnemoteca*; a *lexicoteca*; a *parapsicoteca*; a *cognoteca*; a *biblioteca*; a *evolucioteca*.

Interdisciplinologia: a Geopoliticologia; a Politicologia; a Liderologia; a Grupocarmologia; a Civilizaciologia; a Conteudologia; a Bibliologia; a Polimatia; a Sociologia; a Parapercepçologia; a Paradireitologia; a Evoluciolgia.

IV. Perfilologia

Elencologia: a conscin lúcida; a isca humana lúcida; o ser desperto; o ser interassistencial; a consréu ressomada; a conscin baratrosférica; a pessoa-biblioteca viva; a personalidade pouco de conhecimentos; o ser ambicionista; o servisionário; o ser belicista; o ser politizado; a conscin enciclopedista.

Masculinologia: o imperador; o ditador; o judeu; o grego; o romano; o egípcio; o conselheiro; o pré-serenão vulgar; o autassediado; o narcisista; o apriorista; o antiassistencial; o exibicionista; o militar autoritário; o religioso autossantificado; o psicopata; o autocorrupto; o defensor do indefensável; o escravo; o monarca; o soberano; o nobre; o agitador; o bibliotecônomo; o bibliotecário; o escriba; o professor; o erudito; o sábio; o filósofo; o livreiro; o poeta; o intelectual; o historiador; o fundador de Alexandria e rei da Macedônia, Alexandre, o Grande; os 3 reis herdeiros do império macedônico, faraós Ptolomeu I Sóter (366–283 a.e.c.), Ptolomeu II Filadelfo (309–246 a.e.c.) e Ptolomeu III Evérgeta (280–221 a.e.c.); o amparador Tuaregue.

Femininologia: a imperatriz; a ditadora; a judia; a grega; a romana; a egípcia; a conselheira; a pré-serenona vulgar; a autassediada; a narcisista; a apriorista; a antiassistencial; a exibicionista; a militar autoritária; a religiosa autossantificada; a psicopata; a autocorrupta; a defensora do indefensável; a escrava; a monarca; a soberana; a nobre; a agitadora; a bibliotecônoma; a bibliotecária; a escriba; a professora; a erudita; a sábia; a filósofa; a livreira; a poetisa; a intelectual; a historiadora; a rainha egípcia Cleópatra VII (69–30 a.e.c.); a astrônoma Hipátia de Alexandria (355–415); a Serenona Monja.

Hominologia: o *Homo sapiens politicus*; o *Homo sapiens parapolicologus*; o *Homo sapiens parageopoliticus*; o *Homo sapiens intellectualis*; o *Homo sapiens bibliophilicus*; o *Homo*

sapiens amoralis; o *Homo sapiens articulator*; o *Homo sapiens progressivus*; o *Homo sapiens assistentialis*.

V. Argumentologia

Exemplologia: Alexandria *Ptolemaica* = a capital do Reino Helenístico Ptolemaico (306–30 a.e.c.); Alexandria *Romana* = a capital do Egito Romano (30 a.e.c.–395 e.c.).

Culturologia: a *cultura política* em geral; a *cultura do Helenismo*; a *cultura do judaísmo*; a *multicultura dos egípcios*; as *retroculturas bibliográficas*.

Historiografia. A entrada triunfal de Alexandre Magno no cenário egípcio representou o fim do domínio persa no território e a abertura para o mundo mediterrâneo, impactando o Egito com o afluxo de diferentes povos e culturas.

Fundação. O Imperador macedônico fundou várias Alexandrias, contudo, a constituída no Egito em 331 a.e.c., foi a luz do Helenismo no Oriente por quase 8 séculos, até 395 e.c., período marcado pela historiografia como sendo o fim do Império Romano e o início do Império Bizantino, quando o cristianismo se impôs enquanto religião majoritária.

Universalismo. A miscelânea de etnias em Alexandria, onde conviviam gregos, judeus, núbios, egípcios, colonos, militares, estudantes e comerciantes, imprimiu a universalização da língua e cultura gregas, reunindo obras escritas, em múltiplos idiomas, por meio de cópias e reelaborações, inserindo o Egito, ignorado enquanto potência política, nos holofotes da rivalidade com as grandes influenciadoras mediterrâneas.

Divisão. A última rainha da dinastia Ptolemaica foi Cleópatra VII, a qual se envolveu amorosamente com 2 romanos; primeiramente, com Júlio César (100–44 a.e.c.) e, após o assassinato do ditador, com o general Marco Antônio (83–30 a.e.c.). Na segunda metade da década de 30 a.e.c., o mundo mediterrâneo estava fragmentado em 2, com Otávio (63 a.e.c.–14 e.c.), e o Senado no comando de Roma, e Cleópatra e Marco Antônio governando o Oriente a partir de Alexandria.

Tragédia. O inevitável embate de poder ocorreu no ano 31 a.e.c. em Ácio, quando Otávio venceu as tropas de Marco Antônio, fato gerador do trágico suicídio do infeliz casal. Ao vislumbrar o potencial econômico do Egito, o novo Imperador se declarou *Augusto*, afastou o Senado da província e decretou-a território privado, pondo fim à Alexandria Helênica e nascendo a Alexandria Romana.

Romanização. A Alexandria Romana manteve acesa a chama helênica, não se desvinculando da cultura clássica, remanescendo as manifestações culturais atinentes à indumentária, língua, religião, mitologia e filosofia gregas, mescladas a elementos culturais faraônicos e judaicos.

Decadência. Por volta do ano 205 a.e.c., os desacertos do faraó Ptolomeu V Epifânio (210–181 a.e.c.) levaram o Egito a perder grandes áreas externas do país, entrando em declínio, marcando o início da derrocada de Alexandria. Mas a cidade possuía extraordinária capacidade de se recuperar dos inúmeros ataques, incêndios e desastres durante a dominação romana, subsistindo pelos séculos seguintes, rivalizando com Atenas e Roma no âmbito cultural, político e intelectual.

Exterminador. O sonho dos fundadores de Alexandria foi exterminado no ano 642, quando o Egito foi dominado pelo general árabe Amr Ibn As (585–664), em nome do califa Omar Ibn Al-Khattab (581–644), o qual se vangloriava de tomar a cidade com 4.000 palácios, 4.000 casas de banhos, 400 teatros, 1.200 mercearias e 40.000 judeus pagantes de impostos.

Obscurantismo. Grande parte das fontes históricas culpa os árabes pela total extinção da Biblioteca de Alexandria, dentre os maiores atrativos da cosmopolita cidade. A perseguição ao paganismo gerou o esvaziamento urbano e a evasão de intelectuais, renomados pesquisadores, cientistas e escritores, amedrontados com o turbulento cenário.

Massacre. Mesmo com o domínio do Egito pelos árabes, as contendas religiosas e filosóficas persistiram na cidade, causando danos à Alexandria com os frequentes massacres. O clero,

contaminado pela desconfiança e inveja do arcebispo Cirilo (375–444), mandou a horda de cristãos fanáticos assassinar brutalmente a icônica filósofa Hipátia de Alexandria, única mulher dirigente da Biblioteca.

Historicidade. Historiadores divergem ao relatar sobre o extermínio de Alexandria. Muitos atribuem aos árabes, outros apontam o incêndio da Biblioteca e culpam os mesmos cristãos fanáticos, os quais assassinaram Hipátia e destruíram volumes preciosos. Acrescenta-se ainda ao conflituoso enredo o sentimento antigrego dominando os monges governantes àquela época, culminando no fim da Alexandria cosmopolita e multicultural.

Perecimento. Os árabes negligenciaram a cidade extenuantemente, resultando no total abandono e extinção. Em 1798, quando o exército de Napoleão Bonaparte (1769–1821) ocupou Alexandria, era apenas vila com minguados 4.000 habitantes.

Renascimento. Atualmente (Ano-base: 2020), a moderna Alexandria está intimamente conectada ao Egito, embora algumas influências helênicas remanesçam, especialmente quanto à criação da nova Biblioteca de Alexandria, construída em 2002, em homenagem à lendária instituição, farol intelectual e multicultural do Mundo Antigo por mais de 8 séculos.

Influência. A cidade de Alexandria contribuiu substancialmente para estabelecer os limites geopolíticos atuais, influenciando sobremaneira o pensamento ocidental, da filosofia à religião, e o modo como o Ocidente concebe a si próprio no curso da historiografia mundial.

Intrafisiologia. Alexandria ostentava centenas de edifícios faraônicos, suntuosos, incluindo a famosa Biblioteca, com destaque para o lendário farol, situado no ponto mais oriental da Ilha de Faros, arquitetado pelo grego Sóstrato de Cnido (Século III, a.e.c.), erigido à custa de muita mão de obra escrava e composto por 3 seções.

Base. A estrutura basilar do Farol era quadrada, com mais de 100 metros, sustentada por blocos maciços de granito, unidos com chumbo derretido, para reforçar o alicerce contra as investidas do mar. Nessa primeira seção localizavam-se os escritórios do governo, os quartéis militares e também estábulos para 300 cavalos.

Octogonal. A seção mediana possuía amplo recinto, com 8 lados, compondo espaçosa sacada, decorada com esculturas perfeitas, onde vendiam espetos de carneiro assado, frutas e bebidas aos turistas. No alto dessa seção, a cerca de 100 metros do mar, havia outra sacada, de onde os visitantes podiam apreciar a visão panorâmica de Alexandria e do mar Mediterrâneo.

Topo. Na terceira seção, a mais elevada, ficava a torre cilíndrica, onde ardia fogueira dia e noite, tornando o farol visível a centenas de milhas mar adentro, orientando os marinheiros a seguir o curso conforme a brilhante estrela de fogo. O topo do farol ostentava a estátua de Posêidon, o deus do mar, contemplando a cidade abaixo.

Divergências. Faros, ou Faro, foi inaugurado em 279 a.e.c. quando Ptolomeu Filadelfo criou festival para homenagear os pais, e desde então, passou a receber visitantes de todas as partes do Planeta. Há muitas teorias sobre a ruína do monumento, dividindo historiadores. A mais provável narra a destruição do farol por terremoto em 1365 e.c., quando os imponentes blocos de granito e mármore espatifaram-se no porto, obstruindo o tráfego de navios.

Pesquisa. Fontes históricas ressaltam a possibilidade de a maciça estrutura ainda jazer no fundo do Mediterrâneo, fomentando a eterna busca de incansáveis mergulhadores e arqueólogos.

VI. Acabativa

Remissologia. Pelos critérios da *Mentalsomatologia*, eis, por exemplo, na ordem alfabética, 15 verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia*, e respectivas especialidades e temas centrais, evidenciando relação estreita com a Alexandria, indicados para a expansão das abordagens detalhistas, mais exaustivas, dos pesquisadores, mulheres e homens interessados:

01. **Biblioteca de Alexandria:** Para-Historiografologia; Neutro.
02. **Complacência religiosa:** Parapatologia; Nosográfico.
03. **Consciência política:** Politicologia; Neutro.
04. **Crescendo Helenismo-Conscienciologia:** Autodiscernimentologia; Homeostático.

05. **Democracia:** Parapoliticologia; Neutro.
06. **Erro evolutivo crasso:** Errologia; Nosográfico.
07. **Geopolítica desassediadora:** Consciencioterapia; Neutro.
08. **Grupopensene:** Materpensenologia; Neutro.
09. **Império Romano:** Parapoliticologia; Neutro.
10. **Incompatibilidade Ciência / Religião:** Holomaturologia; Homeostático.
11. **Indutor holopensênico:** Holopensenologia; Homeostático.
12. **Paradireito:** Cosmoeticologia; Homeostático.
13. **Senso universalista:** Cosmoeticologia; Homeostático.
14. **Taxologia do conhecimento:** Mentalsomatologia; Neutro.
15. **Tiranía:** Parapatologia; Nosográfico.

A INOVADORA, POLÊMICA E TURBULENTA ALEXANDRIA REPRESENTOU O UNIVERSO HELENÍSTICO E ROMANO, REFLETINDO A MISCIGENAÇÃO CULTURAL, O COSMOPO- LITISMO E A INTELECTUALIDADE NO MUNDO ANTIGO.

Questionologia. Você, leitor ou leitora, se interessa pelas pesquisas multidimensionais envolvendo episódios historiográficos? Já aventou a hipótese de ter sido parte da Elencologia nos tumultuados enredos alexandrinos? Em caso afirmativo, identifica-se com a Alexandria helenística ou romana?

Bibliografia Específica:

1. **Flower, Derek Adie;** *Biblioteca de Alexandria: As Histórias da Maior Biblioteca da Antiguidade (The Story of the Ancient Library of Alexandria)*; tradução Otacílio Nunes; & Valter Ponte; revisores Guilherme Laurito Summa; Juliana Messias; & Thiago Lins; 216 p.; 32 caps; 1 *E-mail*; 15 ilus.; 1 mapa; 1 microbiografia; 151 notas; 48 refs.; 1 *website*; enc.; 20 x 13 cm; *Nova Alexandria*; São Paulo, SP; 2ª Ed.; 2010; páginas 50 a 120.
2. **Vieira, Waldo;** *Léxico de Ortopensatas*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; *CEAEC*; & *EDITARES*; 3 Vols.; 2.084 p.; Vols. I e II; 1 *blog*; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 7.518 termos; 1.811 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 25.183 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 13cm; enc.; 2ª Ed. rev. e aum.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2018; páginas 335, 336, 519, 746 e 747.
3. **Vrettos, Theodore;** *Alexandria: A Cidade do Pensamento Ocidental*; trad. Brigitte Klein; revs. Luiz Alberto Machado Cabral; & Daniel Seraphim; 313 p.; 6 seções; 1 *E-mail*; 18 ilus.; 2 mapas; 1 microbiografia; 142 notas; 1 *website*; 22 x 15 cm; enc.; *Odysseus*; São Paulo, SP; 2005; páginas 53 a 271.

Webgrafia Específica:

1. **Clímaco, Joana C.;** *A Alexandria dos Antigos: Entre a Polêmica e o Encantamento*; *Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História*; disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29072013-05942/publico/2013_JoanaCamposClimaco_VCorr.pdf>; acesso em: 10.07.2020.
2. **Lobianco, Luís Eduardo;** *Alexandria no Egito: A Luz do Helenismo no Antigo Oriente Próximo*; disponível em: <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/alexandria.pdf>>; acesso em 01.05.2020.
3. **Oliveira, Loraine;** *Vestígios da Vida de Hipácia de Alexandria: Perspectiva Filosófica*; *Revista*; Vol. 43, N. 1, Ano 2016; disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230301>>; acesso em: 01.05.2020.

M. G. R.